

Entre mim e o outro, um espelho...

Raiblue

- Abra-o! – Dizia-me uma voz misteriosa.

Mas como se abre um espelho?

Eu é que decidiria se a imagem que aquele homem criara deveria desaparecer ou não.

Ele me olhava e tudo nele era eu. Tudo era reflexo de minha própria imagem, tudo era fluido, refluxo, nada escapava daquela moldura, onde estavam represadas as águas da minha emoção. Estava tudo ali, realidade ou delírio? Qual o limite entre um e outro?

Eu era o quadro que ele pintara para sua 'não exposição'.

Vivia escondido atrás do espelho, que refletia sua pintura, dando-lhe os tons e sombreados que quisesse e comandando as personagens com as palavras que contornavam suas mãos-pincéis. Ele era o diretor das cenas que construía na tela fluida da imaginação...

Espelhos são mágicos, lembram-me portais, labirintos, e eu, como a pequena Alice, queria atravessá-los à procura do que guardavam no fundo, dos países desconhecidos que neles haviam.

Estaria eu presa aos espelhos d'água do pintor ou ele aos meus?

Não sei, mas parecia haver alma ali, algo semelhante a uma tela de Dali, e aquele homem era o salvador que recriava o meu mundo, ressuscitando-me ou fazendo uma espécie de

regressão, onde iam aflorando ‘outras’, inquietas, lubrificas, revolucionárias...

De repente, via-me desdobrada, múltipla e infinita, naquele abismo, sim, porque espelhos são abismos, de tão fundos que são. Depois de atravessá-los, não há como não se encontrar. Em algum daqueles ‘eus ‘ refletidos, haveria de desvendar minha alma ou seria ela , também, plural, como tão bem afirmou Pessoa?

Contudo, o que eu buscava no espelho era outra coisa, não queria me entender, bastaria me sentir.

Para isto, precisava dele, queria quebrar a moldura para poder tocá-lo, não apenas como a uma música, mas como o próprio instrumento, meu sax, minha flauta, mesmo correndo o risco de me tornar fragmentos do seu espelho pintado, estilhaçado no chão. Algum pedacinho de mim poderia sobreviver à queda e, finalmente, enxergá-lo a olho nu. Não seria mais eu azul, pintada por ele, porém vermelha, em carne viva, a parte que se libertou do espelho, não mais a pintura, mas a musa ao alcance das mãos do seu criador...

O mito, então, seria destruído?

Esse era um risco necessário. Caso fosse desfeito, faria de sua decomposição a mais bela composição, um adágio feito de sal natural dos meus espelhos d’água, para dar um certo tom oceânico à cena final...

Como aconteceria um encontro entre dois estranhos? Estranhos no ninho da realidade, sim, porque éramos dois desconhecidos: Eu, escondida dentro, e ele por trás do espelho, a grande muralha!

Com a queda do muro que nos separava, unificá-
ríamos nosso oriente e ocidente? Ou tudo seria um grande campo de extermínio para as personagens inventadas?

Quebraríamos o encanto? Talvez o revelado fosse tão contrário ao que fora pintado ou não; quiçá, ele tenha retratado de forma bem realista minha natureza doce-selvagem, com uma flor de lótus azul, próxima às nádegas, e uma serpente contornando o ventre, para conduzi-lo

ao ‘delta de Vênus’ mais vertiginoso que o da Anais Nin , e, então, ele fosse engolido por esse triângulo, que parecia feito sob medida para toda sua virilidade, escondido sob uma calcinha branca transparente, somente para provocá-lo...

Seria mesmo ele o meu Sade e eu veria o demônio despertar através dos seus olhos, numa perversão que corromperia toda minha razão, numa efervescência mental abissal? Ou seria ele, também, parte por mim inventada para suprir carências e testar poderes de sedução?

O que de fato existiria? Eu, ele, outros, o espelho vazio?

Teria que me separar do espelho, para vê-lo objeto, mas esta seria uma luta difícil, assim como era o duelo com as palavras, sempre eram elas que me possuíam e me conduziam para onde quisessem, e por mais que resistisse, tornava-me presa certa ...

Nunca conseguimos ver um espelho vazio, pois, ao vê-lo, já estamos lá dentro.

Somente nos damos conta que existimos, quando nos vemos refletidos no espelho fixado na parede ou nos espelhos d’água do outro...Em nosso próprio espelho somos sempre suspeitos, sombras, pois nossas próprias águas são sempre turvas...

Quanto maior a capacidade de amar, maiores também os riscos de recriar a realidade de forma muito surrealista, podendo ser abismo ou salvação.

Somos sempre reféns da nossa própria criação...

Decidi, portanto, num insight, que não olharia espelhos por um bom tempo, queria ficar um pouco na superfície das coisas, onde eu seria apenas ‘uma’ e ‘previsível’ mulher, todavia, estaria sempre no poder, sem esperar nada, ausentando-me da fantasia para que ela se tornasse mais desejada, para ver até que ponto ela havia penetrado minha realidade... ***Esse era um antigo passatempo da humanidade, essa dança intercalada entre presenças e ausências na linha de Cronos, que, com certeza, ficava perdido nessa atemporalidade de nossas histórias pós-modernas, totalmente não lineares...como nós...***

Como criar um fio que fizesse cruzar tantos fragmentos no final da história, atribuindo-lhes algum sentido? Seria preciso ir até o fim para, talvez, descobrir; precisava atravessar o espelho, ultrapassar a realidade e materializar aquilo que eu acreditava, mesmo que fosse algo muito perigoso querer ver aquilo que acreditamos e não acreditarmos somente naquilo que vemos...

Estava, então, numa ilha, aproveitando aquela pausa das minhas criações, era quase a Pasárgada que trazia em minha imaginação...

Após um mergulho, fui retocar o gloss, para que meus lábios não ressecassem.

Quando peguei o porta-batom e estava a deslizar o brilho sobre minha boca, naturalmente vermelha, avistei lá no fundo, sem querer, através do pequeno espelho, outros olhos que me espiavam, e tudo recomeçou, tornei mergulhar nas águas sólidas contidas naquele pedaço de vidro mágico...

Eles existiam ou eu que estaria a reproduzi-los?

Bastava um fragmento de espelho para se abrir o toldo do imaginário... Bastava uma parte e o todo se expandia como em uma profunda meditação...

E então compreendi que, por mais contraditório que fosse, ‘realidade’ era um conceito abstrato, nada existia, senão a partir da percepção de cada um... Somos nós que atribuímos às coisas formas, cores, texturas, sabores, perfumes, música, poesia...

Logo, para mudar a roleta viciada do destino, precisava criar novas regras, ampliar a visão para além do meu próprio espelho, deixar de ser a pintura para ser o pintor.

Enfim, descobriria, em outros espelhos d’água, nascentes de cores infinitas, misturando os tons para restaurar uma nova África! Uma nova casa! Uma nova alma!

E assim, quiçá, o amor transbordasse, fluido, e , para minha grande surpresa, não vindo do outro, mas de dentro de mim, quando finalmente tivesse enxergado...

Sou mesmo do tamanho do que vejo...

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/entre-mim-e-o-outro-um-espelho>